

**A ARTE DOS PRIMEIROS PASSOS EM UMA TURMA DO ENSINO
MÉDIO: A QUESTÃO DA CONTEXTUALIZAÇÃO E O TRABALHO
COM JOVENS ESTUDANTES.**

**THE FIRST STEPS ON A HIGH SCHOOL CLASSROOM: SOME
QUESTIONS ABOUT A GOOD TEACHING WORK WITH YOUNG
STUDENTS.**

Marcelo D'Aquino Rosa (marcelodaquino87@gmail.com)
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Ana Paula Ramos Costa (ana@3lj.com.br)
Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

Resumo: O presente texto revela as dificuldades e experiências vivenciadas por dois estudantes de Ciências Biológicas na fase final de suas graduações, onde deveriam lecionar em uma turma de Ensino Médio. O trabalho destes dois estudantes, orientados por uma professora responsável, é narrado em forma de relato de experiência, onde os jovens dividem suas impressões e marcas da situação vivenciada.

Palavras-chave: Ensino Médio, Biologia, Escola, Professores de Biologia.

Abstract: The going text reveals all the hassle and experience of two senior Biology students heading to the end of their graduation and teaching on a high-school-class. The work done by these undergraduate students, guided by a consultant teacher, is told as an experience record, where both of them can share their impression and remembrance from the witnessed situation.

Keywords: High school, Biology, School, Biology Teachers.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

1. Introdução

Após um período de trabalho em conjunto entre a Universidade Federal de Santa Catarina e o Colégio de Aplicação desta, pôde-se desenvolver este artigo em forma de relato de experiência, que tem como objetivo compreender as relações estabelecidas entre o conteúdo que propusemos e os alunos, bem como refletir sobre as trocas entre alunos, professores e conhecimento, que foram desenvolvidas durante esse processo de ensino e aprendizagem. Mais especificamente, queremos discutir a importância de uma dinâmica relacional entre alunos e professores, afastando a imagem do professor que fica um patamar acima dos alunos.

O trabalho em conjunto aconteceu como requisito necessário para a conclusão da disciplina de Prática de Ensino de Biologia, e foi realizado no Colégio de Aplicação, com uma turma de segundo ano do Ensino Médio. Ele foi dividido em dois momentos: o de observação, onde os estagiários participavam, como espectadores e agentes que interagiam com os estudantes, nas aulas do professor que ministra a disciplina de Biologia no colégio durante o ano; e o segundo momento, o de regência, onde os próprios estagiários foram os responsáveis por ministrar as aulas da disciplina em questão.

O Colégio de Aplicação possui uma estrutura muito boa, tanto no espaço físico – de instalações, recursos que podem ser utilizados (data-show, sala de vídeo) –, como quanto aos profissionais que atuam nele – a maioria dos professores possui mestrado ou doutorado. Além disso, há certa flexibilidade quanto à didática adotada para as aulas e os conteúdos, não se esquecendo de seguir pelo menos o mínimo do que é recomendado, de acordo com os PCN (BRASIL, 1998).

Durante o período de observação, pudemos perceber que a turma em questão, que era composta de 25 alunos, se apresentava bastante participativa e muito criativa. Este período mostrou-se importante para que pudéssemos perceber a maneira que a turma respondia às atividades propostas pelo professor e, assim, montássemos os planejamentos de como iríamos dar nossas aulas no período de regência. Pudemos perceber alguns alunos mais refratários e outros mais participativos, o que nos deu jogo de cintura para nos prepararmos melhor.

Passada esta primeira etapa, deu-se início ao período de regência dos estagiários. O assunto abordado foi Fisiologia, dando-se sequência ao conteúdo que estava sendo dado pelo professor. Mais especificamente, os conteúdos foram os sistemas endócrino e nervoso. Trabalhar com o corpo humano é um grande desafio, pois o professor de Ciências e Biologia tende a segmentar didaticamente o corpo a partir dos diferentes sistemas presentes no mesmo (GELAPE & MENDES, 2005).

Escolhemos fazer o período de regência de uma forma dinâmica, onde um de nós dava aula em um dia e o outro lecionava na aula seguinte, mas admitindo-se sempre intervenções de um estagiário na aula do outro. Tentamos não fugir da didática adotada pelo professor, para que os alunos não estranhassem e também porque gostamos dela.

Este docente utilizava muitos textos, vídeos e aulas preparadas em data-show, além de algumas atividades como a confecção de cartazes sobre algum tema relativo ao conteúdo. Nós fizemos estas atividades do mesmo modo, porém com nossas particularidades. Como o assunto abordado permitia extrapolações para o dia-a-dia dos estudantes, procuramos sempre buscar exemplos que acontecessem

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

no cotidiano dos alunos e isso fez com que os mesmos participassem bastante das aulas, incluindo nelas experiências próprias e enriquecendo-as.

Para avaliar estes estudantes, utilizamos três avaliações com pesos diferentes: um resumo sobre um texto dado em sala de aula sobre a adrenalina, a confecção de um cartaz sobre sistema nervoso e uma avaliação mais tradicional, em formato de prova, composta por questões de múltipla escolha e dissertativas. Os alunos responderam bem a todas as atividades propostas e, pelo que pudemos avaliar, a maioria conseguiu entender e assimilar de forma positiva o conteúdo.

Pudemos avaliar o período de estágio no Colégio de Aplicação como um momento de suma importância para a nossa formação como licenciados no ensino de Biologia, visto que a disciplina nos colocou frente a uma turma real, com necessidades reais, a qual nós tivemos que nos adaptar e escolher a melhor forma de compartilhar o conteúdo. Esta foi uma turma participativa, que nos acolheu bem e sempre nos respeitou.

Ao fim do período do estágio, pedimos que os alunos fizessem uma avaliação do nosso desempenho como professores. Eles responderam às seguintes perguntas: O que mais colaborou para a sua compreensão da disciplina? O que nós (estagiários) poderíamos ter feito de diferente? Nossas aulas ajudaram vocês a entender melhor o conteúdo? De quem forma? Como você acha que foi o seu desempenho nas nossas aulas? Para você, como seria uma aula de Biologia ideal? O resultado desta avaliação mostra que os alunos ficaram satisfeitos com nosso desempenho e também traz à tona a importância da contextualização do assunto abordado com o dia-a-dia dos alunos (CAMPOS & LIMA, 2008).

2. Contextualizar para construir

Segundo KRASILCHIK (1987), os principais problemas do ensino de Ciências são: a necessidade de memorização de muitos fatos que são apresentados como produtos finais da investigação científica, **a falta de vínculo com a realidade dos alunos**, a falta de coordenação com as outras disciplinas, o despreparo dos professores que se reflete em aulas mal ministradas e na **passividade dos alunos**. Com base nisso, decidimos destacar os pontos que julgamos terem sido os fatores que nortearam as nossas aulas: a busca por contextualizar o assunto no cotidiano do aluno e a participação dos alunos durante as aulas.

Neste contexto, podemos citar a hipótese formulada por VYGOTSKY (1991), de que os processos de construção de significados têm sua origem na esfera social, sendo progressivamente internalizados pelo indivíduo. Ainda segundo VYGOTSKY (1991), o desenvolvimento cognitivo é concebido como a conversão das relações sociais (em que objeto e indivíduo são históricos, bem como a relação entre eles) em funções mentais, através da mediação. O conhecimento parte do convívio social, até ser reestruturado e incorporado no plano individual – daí a importância do outro, neste caso o professor, no processo de aprendizagem.

Sendo assim, mostra-se importante a participação do aluno, trazendo o seu cotidiano para a sala de aula, e a importância do professor em dar significado científico a este conhecimento. O desenvolvimento de uma pessoa está relacionado ao aprendizado, que para VYGOTSKY (1991), sempre envolve a interferência de

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados (KOHL *apud* Ribeiro e Diniz, sem ano).

Com essas considerações teóricas podemos explicar o porquê do sucesso de nossas aulas em relação à contextualização com o cotidiano dos alunos. Como podemos ver nos trechos abaixo, o fator dia-a-dia mostra-se importante para o entendimento e consolidação do conteúdo.

De uma maneira geral, os alunos apreciaram bastante o uso de data-show e slides: “Acho que as representações dos slides foram boas e as explicações também”; “O que mais colaborou para a compreensão da disciplina foi o uso do data-show, no qual os estagiários mostravam e explicavam a matéria através dos slides, e isso que facilitou bastante o entendimento da matéria”. Outro fator que contou pontos a nosso favor foi o fato de enfatizarmos que não queríamos a famosa “decoreba” na disciplina, dizendo que queríamos (ou preferíamos) que eles entendessem mais os processos e o porquê dos mesmos acontecerem, ao invés dos nomes e fórmulas químicas de substâncias e processos: “Colocado de forma muito objetiva, explicando tudo com detalhes para que pudéssemos entender com facilidade a matéria. Foi uma das primeiras vezes que eu entendi BIOLOGIA de verdade, sem precisar decorar”; “O que mais colaborou para nossa compreensão da disciplina, foi a descontração da aula, os vídeos, e a comparação com o nosso dia-a-dia”.

Portanto, podemos inferir que para que possamos consolidar um conteúdo com os alunos, temos que buscar ao máximo extrapolar este assunto, levando-o ao cotidiano deles. Essa extrapolação, além de ajudar na construção do conhecimento, colabora no interesse do aluno pelas aulas, tornando as mesmas muito mais dinâmicas, relacionais e dialógicas. Em adição, a participação dos alunos pode ser uma ferramenta valiosa para o professor: com as histórias compartilhadas pelos alunos, o professor pode fazer ganchos com outros conteúdos e até mesmo com o que está sendo dado e, assim, melhorar sua contextualização, sendo esta uma boa relação de troca.

Podemos citar como exemplo o texto lido em sala de aula que fala sobre o hormônio ADRENALINA. Este texto foi retirado de uma revista e exemplifica bem o poder do contexto sócio-cultural. Nele, o autor explica as funções do hormônio e porque o mesmo é responsável pelo “friozinho” na barriga que sentimos quando estamos apaixonados; o porquê do coração acelerar após um susto; porque temos a sensação de termos escutado algo quando estamos com medo; e assim outros exemplos que além de terem tornado o texto mais interessante, serviram para consolidar as funções e ações da adrenalina no nosso corpo.

Esse tipo de didática trouxe os alunos para o nosso lado, fazendo com que estes passassem a apresentar algum grau de interesse pelas nossas explicações e participassem das discussões e atividades que propusemos. Como dito anteriormente, os estudantes responderam otimamente às nossas propostas, fazendo ilustrações bastante criativas em uma das atividades feitas por nós em sala de aula, a confecção dos cartazes. A grande maioria da sala também apresentou desempenho bastante elevado em nossa prova, aplicada no penúltimo dia do nosso estágio.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

3. Uma faca de dois gumes: alunos quietos ou barulhentos?

É interessante observar como a consolidação de um professor ocorre mesmo dentro de uma sala de aula, quando o aluno de licenciatura começa a dar seus primeiros passos dentro do magistério. Até este momento, estudamos apenas na teoria, analisando obras de grandes educadores, que com certeza ampliam e alteram muito nossos próprios horizontes, após cada ano de atuação com diferentes turmas.

Até o momento em que adentramos uma sala de aula, costumamos ter como turma ideal aquela em que os alunos são extremamente calmos e silenciosos (PETRESS, 2001). Só que em nossa prática, pegamos uma turma que vem junta desde o Ensino Fundamental, ou seja: todos se conhecem e os grupinhos estão formados entre eles. A grande preocupação nossa foi conduzir as aulas sem fazer com que os alunos perdessem o interesse ou passassem a fazer grandes bagunças, prejudicando o nosso trabalho (GALVÃO, 1998).

A saída parcial para esse problema foi trabalhar com atividades que os envolvessem diretamente, como as leituras de textos ou vídeos. Essas alternativas à aula simplesmente expositiva costumam funcionar bem em turmas jovens, nas quais os alunos são muito ativos e bagunceiros. Porém, observamos que os alunos dessa turma faziam silêncio quando falávamos e também costumavam conversar entre eles sobre os conteúdos que passávamos em nossas aulas.

Este fato quebrou um pouco esta nossa noção de que a turma boa é a turma sempre quieta, pois o que se pode pensar quando as conversas paralelas que ocorrem são sobre o conteúdo que está sendo ministrado? Outro fator que colaborou para o crescimento desta dúvida foram os questionamentos que eles nos fizeram, sempre nos fazendo perguntas ligadas às explicações que nós dávamos, além do bom desempenho obtido nas atividades avaliativas que aplicamos.

Nós pudemos perceber que esta turma era muito ativa e participativa. Os alunos, apesar de conversarem em alguns momentos, mostravam-se envolvidos com a matéria e colaboraram com o andamento do nosso estágio. Foi uma experiência bastante interessante do ponto de vista de rever nossos próprios conceitos, pois isto caracteriza o amadurecimento e a aprendizagem obtida na prática da profissão, principal tarefa a que se propõe a disciplina Prática do Ensino de Biologia (KRASILCHIK, 2004).

4. Considerações finais

O estágio com os alunos foi um período muito gratificante da nossa licenciatura, pois foi o momento em que finalmente fizemos a nossa “estreia” como professores. Apesar de ainda não sermos licenciados na época, estávamos cada vez mais consolidados e certos da escolha profissional que nós fizemos.

Ser professor é uma profissão que não se pode explicar, pois não é medida em palavras. O sentimento de ver que o aluno reconhece e elogia seu esforço, que te tem como referência, buscando compreender as coisas que você fala, é maravilhoso. Servir de referencial e ser respeitado por este fato – muitas vezes sendo mais novo que o próprio aluno, como foi o caso de ambos estagiários, que

**V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREPIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)**

deram aula para pessoas muito mais velhas em cursinhos comunitários – é algo que torna digna e decente a carreira de um professor.

Ao darmos nossos primeiros passos dentro de sala de aula, nós pudemos ver o quanto é digna e reconhecida a vocação profissional e a atividade de um docente. Este é um trabalho em que se planta e que se colhe, tudo no tempo certo. Para isso, basta que se faça com amor e carinho, e acima de tudo: com vontade de fazê-lo.

Ressaltamos que, aliado a este esforço e boa vontade no desempenho de suas atividades, um professor também deve vislumbrar a essencialidade de sua formação e suas competências. Ressalta-se nesse ponto a importância do comprometimento de um docente com seu papel pedagógico singular. Como profissional, ele interage com capacidades e conhecimentos diferenciados, mediante graus de assimetria relativamente aos estudantes, em sala de aula, o que exige aperfeiçoamento constante em sua prática (KRASILCHIK, 2004).

5. Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GALVÃO, A.O. **Amansando Meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rego (1890-1920)**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1998.

GELAPE, T. C.; MENDES, R. **O corpo humano em livros didáticos do ensino fundamental: um estudo comparativo**. In: I Encontro Nacional de Ensino de Biologia/III Regional de Ensino de Biologia, 2005, Rio de Janeiro/Espírito Santo. Anais do I ENEBIO/III EREPIO RJ/ES: SBENBIO, v. 1, pp. 76-79, 2005.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EPU, 1987.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

LIMA, E.; CAMPOS, A. F. **Ciclo do nitrogênio: abordagem em livros didáticos de ciências do ensino fundamental**. Investigações em Ensino de Ciências (Online). Porto Alegre, RS: Instituto de Física (UFRGS), v. 1, pp. 24-33, 2008.

PETRESS, K. **The Ethics of student classroom silence**. Journal of Instructional Psychology, 28(2). pp. 104-107, 2001.

RIBEIRO, C. M.; DINIZ, R. E. S. **Professora, para que você pergunta se já sabe a resposta? O tema reprodução e a elaboração de perguntas e respostas no ensino de biologia**. In: IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003, Bauru - SP. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 2003.

V Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (ERE BIO-SUL)
IV Simpósio Latino Americano e Caribenho de Educação em Ciências do
International Council of Associations for Science Education (ICASE)

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. Trad. José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 4ª Ed, 1991 (original parcialmente publicado em 1960 na URSS).